

## **Arquitetura deposicional e paleossolos da Formação Marília (Cretáceo Superior da Bacia Bauru) na região de Campina Verde (MG).**

*Julia Cristina Galhardo<sup>1</sup> & Alessandro Batezelli<sup>2</sup>*

1 - Bolsista Iniciação Científica - PIBIC/CNPq - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP/IG.

2 – Orientador Departamento de Geologia e Recursos Naturais - DGRN - Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP/IG.

### **Resumo:**

A Bacia Bauru é uma bacia sedimentar continental de idade neocretácea, que abrange uma área de aproximadamente 330.000 km<sup>2</sup>, ocupando parte dos estados de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais. Sua origem está relacionada ao Soerguimento do Alto Paranaíba, a norte, e a subsidência termo-mecânica da região de maior espessura dos basaltos da Formação Serra Geral, ao sul.

Como parte do Projeto FAPESP 2010/19787-2 (Correlação Estratigráfica e Paleogeografia do Cretáceo Superior das Bacias Bauru, Sanfranciscana e dos Parecis), este trabalho tem como objetivo central elaborar um modelo de evolução deposicional para a Formação Marília, região de Campina Verde (MG).

Depósitos aluviais construídos e retrabalhados por rios entrelaçados foram caracterizados em ambientes com variadas condições climáticas. O Grupo Bauru, na área de estudo, é representado por depósitos lacustres rasos (*playa lakes*) e aluviais, com retrabalhamento eólico de clima árido a semi-árido.

Através da confecção de painéis fotográficos em afloramentos ao longo da BR 364, foram identificadas e descritas litofácies, bem como, delimitadas as principais arquiteturas deposicionais e níveis de paleossos.

O afloramento é marcado por 2 superfícies de 3.<sup>a</sup> ordem, planas ou com suave concavidade para cima, que dividem a seção em 3 segmentos. Em todos eles ocorrem muitos perfis de paleossos que indicam parada e retomada na deposição. Na porção basal a superfície de 3.<sup>a</sup> ordem delimita o topo de um estrato de arenito maciço (fácies **Am**), com camadas conglomeráticas (elemento 1-SB). Na porção intermediária, as superfícies de 3.<sup>a</sup> ordem delimitam um estrato areno-conglomerático (fácies **Cea**, **Cmm** e **Aea**) onde se concentram as superfícies de 2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup> ordens. Nessa porção são encontrados mesoformas de acréscimo lateral (elementos 1-LA, 2-LA e 3-LA) internamente ao canal principal (elemento 1-CH). Além desses elementos também ocorre o elemento 2-CH (canal menor com eixo N 20) irregular e com forma côncava para o topo. Na porção superior a superfície de 3.<sup>a</sup> ordem delimita a base de um estrato arenoso maciço (fácies **Am** e **Cmm**), semelhante ao estrato basal. Essa superfície de 3.<sup>a</sup> ordem possui forma plana e trunca algumas superfícies de menor ordem. No interior dessas macroformas de acréscimo lateral (elemento LA) as superfícies de 2.<sup>a</sup> ordem marcam os limites de estratos

arenosos com até 40 cm de espessura, e normalmente, possuem inclinação acompanhado a geometria externa da mesoforma. As superfícies de 2.a ordem também possuem inclinações suaves e delimitam pequenos ciclos granodecrescentes ascendentes, tabulares, com espessura de até 30 cm.

Dois importantes níveis de paleossolos foram previamente identificados nessa seção. O paleossolo da parte inferior é caracterizado por apresentar um horizonte Btk, com grande quantidade de carbonato de cálcio, apresentando marcas de raízes, nódulos septários e carbonáticos. Já o paleossolo superior também possui características de Btk, com marcas de raízes mas apresenta quantidade inferior de carbonato de cálcio.

A integração dos dados faciográficos e medidas de paleocorrentes sugere que a deposição ocorreu por processos fluviais efêmeros, sistema aluvial dominado por rios entrelaçados, com dois períodos distintos de pedogênese.

**PALAVRAS CHAVE:** FORMAÇÃO MARÍLIA, ARQUITETURA DEPOSICIONAL E PALEOSSOLOS